

A escolha de língua para produção acadêmica de pesquisadores brasileiros plurilíngues

Eliana Hirano
BERRY COLLEGE, USA.

Kátia Monteiro
INDEPENDENT RESEARCHER, BRAZIL

Resumo / Abstract

O Brasil ocupa uma posição importante na produção de conhecimento científico tanto na América Latina quanto internacionalmente e, ainda assim, sabemos pouco sobre como os pesquisadores brasileiros lidam com a pressão internacional para disseminar os resultados de suas pesquisas na língua inglesa. Essa questão é particularmente relevante nas ciências humanas, nas quais a pressão da internacionalização é mais atual e crescente, com desafios que talvez sejam maiores que os das ciências exatas, nas quais muitos pesquisadores já estão socializados nas comunidades internacionais. Entre esses desafios encontram-se a falta de auxílio com escrita e tradução, exacerbada por uma cultura discursiva mais complexa, exigindo do pesquisador um conhecimento linguístico mais amplo. Com o objetivo de elucidar as práticas de publicação dos pesquisadores das ciências humanas, decidimos investigar as experiências de pesquisadores plurilíngues experientes na área de linguística. Em específico, este estudo explorou quais fatores levam esses pesquisadores a publicarem em inglês ou em português. Os resultados apontam para importantes fatores extrínsecos e intrínsecos que motivam esses pesquisadores a disseminar suas pesquisas em cada uma das línguas. O fator extrínseco de maior destaque está relacionado à publicação como forma de atender a solicitações de colegas e periódicos no Brasil e no exterior. Dentre os fatores intrínsecos para publicações em inglês, foi apontado o auto-desenvolvimento como, por exemplo, acesso a uma gama maior de leitores. Já um

senso de responsabilidade figurou como fator intrínseco para ambas as línguas: em inglês, para promover acesso internacional à produção científica brasileira e em português, para contribuir para o desenvolvimento da comunidade científica no Brasil.

Brazil occupies an important position in the production of scientific knowledge both in Latin America and internationally, and yet, not much is known about how Brazilian researchers deal with the pressure to disseminate their work in English. This gap is particularly relevant for researchers working in the humanities, who may struggle more with the increasing pressure to publish in English compared to scholars in the hard sciences, where disciplines tend to be more internationalized. Among the challenges faced by humanities scholars are insufficient institutional language support and more complex discursive styles, which can make writing more demanding. To shed light on the publishing practices of researchers in the humanities, we focused on experienced plurilingual researchers in the field of linguistics. Specifically, this study explored which factors motivate these researchers to publish in English or Portuguese. Findings point to important extrinsic and intrinsic factors that motivate scholars to choose either language. The most prominent extrinsic factor concerns publication as a response to requests from colleagues and journals in Brazil and abroad. Intrinsic factors for publications in English were related to self-development, such as widening the readership of their work. A sense of responsibility was a motivator to write in both languages: in English, to promote international access to Brazilian science, and, in Portuguese, to contribute to the development of the academic community in Brazil.

Palavras-chave / Keywords: internacionalização; inglês para publicações científicas; produção científica; pesquisador multilíngue / ERPP; internationalization; knowledge production; scholarly publication; multilingual scholars

A corrida mundial para a internacionalização das universidades solidificou o uso do inglês como língua franca em publicações acadêmicas (Jenkins, 2014; Kuteeva & Mauranen, 2014). Como consequência, pesquisadores dos mais diversos países se encontram pressionados a disseminar os resultados de suas pesquisas nessa língua. Essa realidade deu origem à área de pesquisa ERPP (English for research publication purposes, ou inglês para publicações científicas; Cargill & Burgess, 2008), dentro da qual há um número crescente de estudos investigando os desafios que essa pressão apresenta, em especial, aos

pesquisadores não falantes nativos da língua inglesa ao publicarem em periódicos internacionais em inglês (e.g., Flowerdew, 1999; McDowell & Liardet, 2019; Shchemeleva, 2021).

Dentro desse contexto de pesquisa, a realidade brasileira só agora começa a ser explorada em maior detalhe, apesar da importante posição que o Brasil detém na produção de conhecimento científico, ocupando a 14^a posição mundial e a primeira na América Latina (*SJR – International Science Ranking*, n.d.). Assim como em outros países da chamada semi-periferia (Bennett, 2014), os pesquisadores brasileiros se encontram pressionados a publicar em inglês para atender às demandas de internacionalização das universidades em que trabalham e às expectativas das agências de fomento, que utilizam as publicações internacionais como um dos critérios para aprovação de bolsas de pesquisa e avaliações de programas de pós-graduação. Há, ainda, poucos trabalhos que exploraram a experiência do pesquisador brasileiro frente a esse desafio. Entretanto, há algumas publicações com enfoque em disciplinas específicas. Serra et al. (2008), por exemplo, investigaram os principais motivos para a rejeição de trabalhos brasileiros em revistas internacionais na área de administração sob o ponto de vista de editores e revisores de periódicos anglófonos. Cunha et al. (2014), por sua vez, exploraram a relação entre o nível de proficiência em inglês de alunos de pós-graduação em psiquiatria e seu nível de produtividade acadêmica. A pesquisa exploratória de Martinez e Graf (2016) analisou as dificuldades que professores e alunos de pós-graduação em engenharia enfrentam ao tentar publicar em revistas internacionais. Por fim, Cardoso (2020) investigou as percepções de estudantes de pós-graduação no ensino de ciência sobre o uso do inglês como língua de comunicação científica. Esses estudos apontam que as áreas acima citadas estão ao menos parcialmente internacionalizadas no Brasil, a despeito dos desafios enfrentados, que costumam ser mais acentuados entre os acadêmicos inexperientes (Cardoso, 2020; Martinez & Graf, 2016).

De maneira geral, a efetiva participação do pesquisador brasileiro na rede internacional varia de acordo com diversos fatores dentro dos quais consta a área de atuação. Baumvol et al. (2021) e Monteiro e Hirano (2020) constataram que os pesquisadores das ciências naturais e exatas, por exemplo, tendem a ter muito mais publicações em inglês do que os pesquisadores das ciências humanas, que privilegiam a língua portuguesa. Essa diferença levou Monteiro e Hirano (2020) a cogitar a existência de uma periferia dentro da semi-periferia acadêmica brasileira. De acordo com Bennett (2014), a periferia global refere-se às nações que têm baixa representatividade internacional enquanto os países de centro, abrangendo principalmente as nações anglófonas e do oeste europeu, incluem os líderes na produção de conhecimento científico. Os países da

semi-periferia encontram-se entre esses dois extremos. Esses mesmos termos são adotados por de Sousa Santos (2006), que vê essa separação para além do mundo acadêmico e reconhece a importância dos termos periferia, semi-periferia, e centro para analisar trocas desiguais entre países do sul e do norte. Interessantemente, em uma pesquisa recente, autores brasileiros das ciências humanas apontaram o inglês como língua preferencial para publicação, apesar de publicarem majoritariamente ou exclusivamente na língua portuguesa (Monteiro & Hirano, 2020), refletindo, talvez, um anseio pela publicação internacional que não é concretizado por razões de dificuldades com a língua e recursos financeiros, fatores apontados pelos próprios participantes. Em um levantamento de publicações dos pesquisadores mais qualificados na linguística aplicada, Garcez (2019) reportou uma tendência similar de foco quase que exclusivo em publicações em português. O autor cogitou que, para a linguística aplicada, o foco na publicação local pode estar relacionado a uma falta de pressão institucional, alegando haver “um grande mercado que funciona principalmente em uma única língua” (p. 21). Garcez esclarece que para entender os reais motivos dessa suposta insularidade, mais pesquisas são necessárias.

Há várias explicações para essa variação disciplinar na produção acadêmica na língua inglesa no Brasil e em outros países. Nas áreas das exatas, os textos tendem a apresentar uma estrutura pré-definida, o que facilita o processo de escrita, além de uma tradição já mais estabelecida do uso da língua inglesa (Baumvol et al., 2021; Shchemeleva, 2021). Nas ciências humanas, por outro lado, os pesquisadores encontram uma realidade bastante diferente. Os textos tendem a ser menos estruturados e requerem uma argumentação mais elaborada (Becher, 1994). É importante ressaltar que existem disciplinas dentro das ciências humanas que são mais internacionalizadas do que outras, como, por exemplo, administração pública (Shchemeleva, 2021), o que indica que cada disciplina pode ter sua própria cultura acadêmica (Warchał & Zakrajewski, 2021). Outra barreira para a maior participação dos pesquisadores das ciências humanas, de acordo com Monteiro e Hirano (2020), é a dificuldade de terem seus tópicos apreciados por revistas internacionais, que com frequência rejeitam os manuscritos por engajarem em temas locais. Por fim, esses pesquisadores também apontaram para a falta de verba institucional para auxílio com a escrita e tradução.

A despeito da pressão para publicar em inglês e de um número crescente de pesquisadores que engajam fluentemente com comunidades internacionais, muitos pesquisadores plurilíngues publicam em múltiplas línguas (Corcoran et al., 2019; Olmos-Lopez et al., 2022) ou estão engajados em práticas multilíngues durante o processo de produção de conhecimento, incluindo leituras, apresentações em congressos, discussões com coautores, etc. Essas práticas multilíngues parecem ser particularmente relevantes em disciplinas

das ciências humanas, nas quais as línguas podem ser utilizadas como objeto de estudo ou como língua de disseminação de conhecimento científico entre comunidades não falantes de inglês (Hynninen & Kuteeva, 2020; Warchał & Zakrajewski, 2021). Essa linha de pesquisa focada nas práticas multilíngues revela as complexas práticas discursivas dos pesquisadores que vivem entre o pragmatismo de publicar em línguas estrangeiras e o protecionismo de manter e disseminar sua língua nativa como língua da ciência, bem como educar leitores monolíngues de seus países (Duszak & Lewkowicz, 2008).

Diante da importância do inglês como língua franca da ciência e também das práticas plurilíngues com as quais muitos acadêmicos engajam, este estudo exploratório tem como objetivo entender como pesquisadores brasileiros experientes e plurilíngues realizam suas escolhas linguísticas, principalmente em relação às publicações acadêmicas. Buscamos, então, responder à seguinte pergunta: Quais fatores levam o pesquisador brasileiro experiente e plurilíngue a publicar em inglês ou em português?

Metodologia

Contexto

Apesar da imensa diversidade linguística presente no Brasil, que inclui centenas de línguas indígenas e dezenas de línguas trazidas por imigrantes (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.d.), a maioria da população brasileira fala somente o português brasileiro. Embora os currículos de ensino fundamental e médio incluam uma língua estrangeira, geralmente o inglês, Finardi (2016) afirma que menos de 1% da população se considera fluente na língua, segundo dados do censo do IBGE e do British Council. Windle e Nogueira (2015) esclarecem que a fluência em inglês no Brasil é um capital cultural mais acessível aos membros das elites econômicas e acadêmicas do país, o que reflete uma possível dificuldade de acesso da classe menos privilegiada à educação de língua estrangeira de qualidade.

Na esfera acadêmica, uma língua estrangeira é exigência para ingressar na pós-graduação na maioria dos programas, sendo o inglês a língua mais requisitada; porém, essa exigência refere-se somente à habilidade de leitura (Cardoso, 2020; Martinez & Graf, 2016). Apesar da crescente pressão para publicações em inglês, ainda há uma dificuldade imensa com o domínio da língua entre os alunos de doutorado e professores, especialmente em áreas menos internacionalizadas (Cardoso, 2020; Monteiro & Hirano, 2020).

Para fins de avaliação de produção científica, o Brasil tem um sistema único de ranqueamento de periódicos acadêmicos, utilizado para avaliação

de programas de pós-graduação e pelas agências de fomento. Esse sistema, o Qualis da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), é baseado na produção científica de pesquisadores vinculados a programas de pós-graduação, ou seja, é um sistema que usa como parâmetro a realidade acadêmica do país e que pode não se alinhar diretamente com ranqueamentos internacionais.¹ Por esse motivo, em áreas menos internacionalizadas, revistas internacionais de renome podem não estar indexadas se nenhum pesquisador brasileiro tiver publicações nelas.

Participantes

Para a seleção de participantes, buscamos currículos dentro da Plataforma Lattes (lattes.cnpq.br), usando os seguintes filtros: doutores, brasileiros, bolsistas de produtividade PQ, com grande área de atuação em Letras, Linguística e Artes e área de atuação em Linguística.² Essa busca gerou 288 pesquisadores. Dentro desse grupo, procuramos pesquisadores de instituições públicas e privadas, que tivessem pelo menos uma publicação em inglês nos últimos 5 anos. Enviamos um convite via e-mail a 22 pesquisadores de todas as regiões do país e entrevistamos cinco para este estudo exploratório. Todos assinaram um termo consentindo sua participação na pesquisa. A Tabela 2.1, contém informações sobre a formação e produtividade desses pesquisadores.

Tabela 2.1. Participantes

| Pseudônimo | Fatima | Rita | Jorge | Theo | Miriam |
|-------------------------------------|-----------------------------|-----------------|------------------------|--------------------|----------------|
| Doutorado (ano de conclusão e país) | 1999 Brasil | 1995 Bélgica | 1995 Estados Unidos | 1997 Inglaterra | 2003 Brasil |
| Pós-doutorado (país) | Finlândia Estados Unidos | Estados Unidos | Estados Unidos | Estados Unidos | Estados Unidos |
| Estado de atuação | SP | SC | SP | SP | PA |

1 O Sistema Qualis está passando por mudanças e uma nova metodologia de avaliação deverá ser implementada a partir de 2025, o que pode alterar parte deste cenário.

2 A bolsa de produtividade em pesquisa (PQ), concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (s.f.), é destinada a pesquisadores que se destaquem entre seus pares, valorizando sua produção científica segundo critérios normativos, sendo uma das principais formas de reconhecimento acadêmico no Brasil. Ver Sarmento et al. neste volume para maiores informações sobre as bolsas de produtividade.

| Pseudônimo | Fatima | Rita | Jorge | Theo | Miriam |
|------------------------------------|---------------|-------------|--------------|-------------|---------------|
| Artigos em inglês (2017-2022) | 7 | 11 | 9 | 8 | 3 |
| Artigos em português (2017-2022) | 10 | 10 | 2 | 2 | 17 |
| Capítulos em inglês (2017-2022) | 9 | 5 | 6 | 11 | 0 |
| Capítulos em português (2017-2022) | 29 | 6 | 4 | 2 | 10 |

Coleta de Dados

Conduzimos entrevistas semiestruturadas que abordaram fatores relacionados à escolha entre o inglês ou o português para publicação acadêmica, incluindo as vantagens e desvantagens dessa seleção. As entrevistas foram realizadas em português brasileiro, usando o aplicativo Zoom com gravação de áudio. Foram transcritas e analisadas de forma indutiva e recorrente pelas autoras deste artigo, que buscaram temas que surgiram repetidamente dentro dos tópicos abordados na entrevista ou outros que emergissem naturalmente (Bernard & Ryan, 2010). Quaisquer discordâncias na análise das entrevistas foram reanalisadas e discutidas pelas pesquisadoras.

O Posicionamento das Pesquisadoras

Acreditamos ser importante esclarecer nosso posicionamento em relação ao tema desta pesquisa. Como o leitor verá abaixo, somos brasileiras, mas desenvolvemos a nossa carreira acadêmica nos Estados Unidos. Desta forma, nosso olhar é, de certa maneira, de um pesquisador de centro. Mas, sendo brasileiras, a invisibilidade da pesquisa em linguística aplicada no Brasil (cf. Garcez, 2019) sempre nos incomodou, e gostaríamos de contribuir para que a experiência do pesquisador brasileiro faça parte das discussões em ERPP.

(Elia) Depois de anos como professora de inglês em uma escola de idiomas em São Paulo, realizei meu mestrado. Já naquela época, fiz uma prova de inglês instrumental como parte do processo seletivo e muitas das leituras durante o mestrado eram em inglês. A tese foi escrita em português, mas como um membro da minha banca de defesa era da Inglaterra e não falante de português, fiz um resumo em inglês e a defesa foi feita nas duas línguas.

Apesar do início da minha carreira acadêmica ter sido plurilíngue, vivo nos Estados Unidos desde então e me desenvolvi como professora e pesquisadora essencialmente monolíngue em inglês. Este capítulo é o meu primeiro retorno ao português como língua para produção acadêmica, o que me faz refletir sobre minhas opções e escolhas linguísticas.

(Kátia) Minha jornada como pesquisadora plurilíngue começou com minha parceria com Eliana Hirano, que, como eu, vive e publica nos Estados Unidos. O foco da nossa pesquisa conjunta é o pesquisador brasileiro e sua jornada navegando pelas comunidades internacionais. Este interesse nos leva a práticas bilíngues diversas, como o desenvolvimento de instrumentos de pesquisa em português e inglês, a leitura das pesquisas internacionais e brasileiras, que sempre procuramos citar, e reuniões onde o português sempre foi a opção mais natural. Muito além disso, a experiência com essa área de pesquisa tem sido uma grande lição de humildade, pois aprendi que o centro perde muito ao ter pouco espaço para pesquisadores internacionais da semi-periferia e periferia do mundo acadêmico.

Resultados e Discussão

A análise abaixo está organizada em duas partes oferecendo respostas à pergunta de pesquisa, ou seja, que fatores levam o pesquisador experiente e plurilíngue a escolher entre inglês ou português para disseminação de seus trabalhos científicos. Nossa análise revelou que a motivação para publicar em cada uma das línguas pode ser, de maneira geral, dividida entre fatores extrínsecos e intrínsecos. Consideramos como extrínsecos, os fatores externos ao pesquisador que o levam a publicar em uma língua ou na outra, como, por exemplo, pressão departamental e convites de colegas. Já os intrínsecos incluem fatores motivacionais internos ao pesquisador, como o anseio de ampliar o público leitor. Embora essa classificação não seja excludente ou absoluta, já que fatores extrínsecos influenciam fatores intrínsecos (e.g., o desejo de se internacionalizar pode estar influenciado pela valorização da publicação internacional no mundo acadêmico), pensamos que essa separação nos auxilia a compreender melhor as motivações do pesquisador.

Fatores que Levam à Publicação em Inglês

Nossa análise revelou diversos fatores que levam à escolha do inglês. Entre os fatores extrínsecos, todos os pesquisadores mencionaram parcerias e convites de membros da comunidade internacional, refletindo um interesse global pela pesquisa brasileira, conforme aponta Theo:

Então, atualmente eu resolvi fazer em inglês porque. ... Bom, foi uma série de fatores. Um deles foi conselho de pessoas que, que eram estrangeiros, que participavam do projeto, eu participava dos projetos deles e aí eles falavam ‘mas eu quero te citar e só tem coisa em português, eu não consigo ler.’ Então aí você precisa fazer em inglês para você ser conhecido fora do Brasil. Aí então foi que eu comecei a fazer tudo em inglês. (Theo)

De maneira semelhante, Miriam menciona que seu trabalho apresentado em um encontro interinstitucional internacional atraiu grande interesse, gerando pedidos de publicações em inglês, já que suas publicações estavam em português até então. Para a pesquisadora Fatima, esse interesse na pesquisa brasileira está relacionado a um esforço ou necessidade do centro acadêmico de incluir pesquisa da (semi-) periferia. Ela narra uma experiência de um projeto liderado por pesquisadores do centro acadêmico que incluiu pesquisadores de diversos países como exigência para a obtenção de uma bolsa de pesquisa de grande prestígio internacional. O interesse da comunidade internacional em pesquisa da (semi-) periferia já havia sido mencionado por Canagarajah (1996) que argumenta que há um esforço do centro em democratizar a ciência, muitas vezes através de convites diretos, mas que, ainda assim, as barreiras discursivas e linguísticas limitam a inclusão de muitos.

Outro fator extrínseco de destaque está relacionado à internacionalização de determinadas áreas de pesquisa, que leva alguns pesquisadores a publicarem quase que exclusivamente em inglês, como apontado em outros estudos (e.g., Lorés-Sanz et al., 2014; Shchemeleva, 2021). Dois pesquisadores mencionaram que seus públicos leitores são majoritariamente internacionais, e que, inclusive, os próprios leitores brasileiros de suas pesquisas dominam o inglês, ao menos para leitura. Os comentários abaixo ilustram esse ponto:

Eu trabalho com semântica formal, que no Brasil tem o que? ... seis, sete pesquisadores que fazem pesquisa [nessa área]. Então, naturalmente, ... a tua interlocução está lá fora. E a tua interlocução lá fora é uma interlocução em inglês, né? (Rita)

Quem tá lendo o texto [mesmo que brasileiro] vai dominar o inglês e não vai ter grandes problemas. ... Não que sejam fluentes em inglês, ... pelo menos pra ler não têm problemas. (Jorge)

É importante destacar que todos os pesquisadores foram cuidadosos em não generalizar a situação da sua área para outras. Curiosamente, um

fator extrínseco que não surgiu nesta pesquisa, mas que é frequentemente mencionado na literatura, é a cobrança institucional (e.g., Li & Flowerdew, 2009; Monteiro & Hirano, 2020). Conforme verificou Garcez (2019), a cultura de pesquisa no Brasil, ao menos na área de Linguística Aplicada, “não exige—nem valoriza objetivamente—produção internacional” (p. 59). Os pesquisadores aqui entrevistados parecem ter motivações mais pessoais para publicar em inglês, talvez decorrente de uma posição já consolidada em suas carreiras.

Dentre os fatores intrínsecos que levam à publicação em inglês, o auto-desenvolvimento, ou o anseio de buscar formas de se desenvolver profissionalmente que não sejam decorrentes de pressão externa, foi o tema mais recorrente. Os pesquisadores mencionaram que escrevem em inglês para avançar na carreira, ter mais leitores, receber pareceres internacionais detalhados e trocar ideias com uma gama mais abrangente de pesquisadores. A pesquisadora Miriam, em particular, colocou a publicação internacional como um desafio que ela se impõe ao perceber que sua pesquisa não fazia parte do diálogo científico internacional porque suas publicações estão quase que exclusivamente em português:

Eu já estou no final da minha carreira, já estou assim, com tempo já para aposentar, só que eu não vou aposentar agora e tal. Tem muita coisa ainda, muita coisa para fazer, mas agora eu só vou escrever inglês. É uma decisão. (Miriam)

Por fim, outro fator intrínseco importante foi a vontade de levar o trabalho do Brasil para o exterior. Muitos desses comentários foram acompanhados de uma reflexão sobre a qualidade da pesquisa realizada no Brasil como sendo “valiosa” ou, em alguns casos, “superior,” e que, portanto, deve ser conhecida pela comunidade internacional, como os trechos a seguir ilustram.

É inevitável e imprescindível para internacionalização [publicar em inglês], para a gente ter inserção, para a gente se mostrar. Tem muita coisa valiosa que nós fazemos no Brasil, mas que infelizmente não chega para troca porque está em português e isso é limitante. (Miriam)

Falando da minha área, teve uma grande expansão da área de sintaxe no Brasil, porque justamente os pesquisadores começaram a publicar bem e houve uma grande atenção sobre o português brasileiro. Então, hoje, na literatura da área de sintaxe, você não vai falar de alguns assuntos sem falar do português brasileiro. Mas não porque as pessoas leram os trabalhos

em português, mas porque essas pesquisas foram disponibilizadas em inglês e aí passaram a fazer parte desse conjunto nuclear comum de coisas para serem analisadas. (Jorge)

Eu vejo que a publicação brasileira tem uma qualidade muitas vezes muito superior ao tipo de pesquisa feito fora ... em diferentes aspectos em termos de ... metodologia de pesquisa, de abordagem de alguns conceitos e alguns teóricos. ... Então existe uma produção brasileira desconhecida pelo mundo. ... Então eu acho que a publicação em inglês abre caminhos para você ser reconhecido internacionalmente. (Fatima)

Esses fatores intrínsecos relacionados à internacionalização também emergiram em outras pesquisas, como um anseio de internacionalizar a área de pesquisa (Hynninen & Kuteeva, 2020) e engajar com a comunidade internacional (Martín et al., 2014; McDowell & Liardét, 2019). O auto-desenvolvimento, que foi o principal fator intrínseco que aqui encontramos, também é um tema recorrente na literatura (Martín et al., 2014; Warchał & Zakrajewski, 2021).

Fatores que Levam à Publicação em Português

Os fatores que levam a publicar em português também foram diversos. Dentre os fatores extrínsecos, a área de pesquisa foi relevante, assim como aconteceu para o inglês. Por exemplo, Miriam e Rita publicam em português quando escrevem sobre línguas indígenas brasileiras, pois os falantes dessas línguas não têm acesso ao inglês:

Agora estou publicando um artigo sobre uma língua indígena brasileira e a revista aceita tanto em inglês quanto em português. Aí a minha opção foi português. Por quê? Porque os falantes dessa língua indígena ... só leem, quando leem, leem em português. E eu quero que essa informação seja acessível a eles. (Rita)

Acadêmicos em outras regiões globais (cf. Hynninen & Kuteeva, 2020; Li & Flowerdew, 2009) também expressaram preferência por publicação na língua nativa para explorar temas direcionados à comunidade local. Apesar de alguns participantes terem mencionado que seus leitores brasileiros têm a habilidade de ler em inglês (acima), outros participantes, como Fatima, por vezes optam por publicar em português para atingir um público-alvo que não lê em inglês:

Tenho textos que eu acho que são muito importantes, como o [nome do artigo], que é muito citado fora; ... que no Brasil as pessoas não leem. Então eu tive que fazer textos semelhantes a ele em português para que as pessoas pudessem ter acesso. (Fatima)

Esse cuidado em disponibilizar o conhecimento para o leitor brasileiro que ainda não domina o inglês, ampliando o acesso de suas pesquisas, foi também apontado por Macedo et al. (2020). O uso do português para publicações de livros, por exemplo, foi mencionado por Jorge, fato também apontado por Hynninen and Kuteeva (2020), já que livros podem ser utilizados para instruir novatos, potencialmente não proficientes em inglês.

Outro fator extrínseco citado por nossos participantes foi convites de revistas ou coletâneas, uma tendência também identificada por Motta-Roth et al. (2016). Por fim, questões relacionadas à produtividade influenciam a escolha pelo português, como o fato de esses pesquisadores acharem mais fácil escrever em sua língua materna assim como terem índice de aceitação mais alto em revistas brasileiras. Esses pontos são ilustrados nas falas de Miriam: “como brasileira, é claro, escrever em português é muito mais simples e muito mais rápido” e Rita: “eu sou mais desenvolta na minha própria língua, no português.” Theo faz um comentário em relação à dificuldade de se ter um trabalho aceito internacionalmente quando diz: “Eu acho que eu já fui recusado mais vezes ... na revista estrangeira do que na revista brasileira.”

Além dos fatores acima, a publicação em revista brasileira, muitas vezes, recebe pontuação maior. De fato, houve diversas críticas ao Qualis da CAPES (ver descrição na metodologia), que designa pontuação às revistas baseado na produção dos pesquisadores de cada área e, que, portanto, pode não pontuar revistas internacionais renomadas nas quais os brasileiros ainda não publicaram, além de apresentar uma defasagem na atualização dos índices, conforme Theo:

Esse mesmo sistema que obriga a gente a fazer textos, publicação internacional, às vezes não reconhece o texto porque eles têm todo um sistema, Qualis, né, de avaliação. E esse sistema Qualis, ele não incide no momento da sua publicação, e ele demora anos para sair. Então você fica com aquela publicação que saiu e ... até sair a avaliação Qualis é como se você não tivesse feito. ... Não conta para o seu programa de pós, nem para a sua pontuação, nada. ... Somente revistas muito conceituadas que brasileiros já publicaram [contam pontos]. (Theo)

Esse fator oferece uma contrapartida à literatura, que frequentemente critica os sistemas de ranqueamentos que tendem a priorizar publicações

internacionais, funcionando como um fator extrínseco para a publicação em inglês (e.g., Cho, 2009; Lee & Lee, 2013). López-Navarro et al. (2015), inclusive, sugerem que países não anglófonos deveriam mudar a maneira que avaliam a produção acadêmica de forma a dar maior proeminência à disseminação de conhecimento em línguas locais. Entretanto, pelo fato dos nossos entrevistados serem fluentes em inglês e já estarem socializados nas comunidades internacionais, esse fator, que de certa forma privilegia as publicações em português, foi mencionado como algo negativo.

Dentre os fatores intrínsecos para a publicação em português, a preocupação de formar a comunidade brasileira de pesquisadores e estudantes teve grande destaque neste estudo. Um exemplo interessante foi o do Theo, que, em certos momentos, enfocou a publicação em português para desenvolver sua área de pesquisa no Brasil:

Aí depois que eu voltei para o Brasil, ... eu achei que seria mais proveitoso eu escrever em português para poder solidificar ou criar a área de linguística de corpus no Brasil. Porque ... se a gente fizesse em inglês dificultaria o acesso de pessoas que ou não leem ... inglês ou tem dificuldade. Em segundo lugar, porque eu achei que era preciso ... ter um corpo de textos em português pra gente ter uma terminologia, para poder usar o mesmo vocabulário para falar das coisas, escrever projeto. ... Então eu achei que se eu fizesse, publicasse em português ia ajudar todo esse processo, né? E criar uma comunidade brasileira de linguistas de corpus. Então não era uma coisa que eu acho que só eu devia fazer. Não era isso. Eu acho que os linguistas do Brasil, os linguistas de corpus, deveriam também fazer em português. E de fato, isso aconteceu e acho que ajudou bastante a formar essa comunidade. (Theo)

Para a Fatima, a preocupação em manter sua pesquisa no âmbito nacional é atual e contínua:

A minha escolha é muito mais para escrever pro Brasil. Eu já entrei num momento de vida que eu quero escrever para formar a comunidade brasileira, sem perder de vista a possibilidade de internacionalização das pesquisas brasileiras. (Fatima)

Essa preocupação de instruir a comunidade local também foi mencionada em outros estudos (e.g., Curry & Lillis, 2004; Li & Flowerdew, 2009) e parece ser mais forte nas ciências humanas, em que temas de interesse locais são mais

prevalentes (Duszak & Lewkowicz, 2008). O cuidado para manter a língua local como língua da ciência, um assunto marcante em alguns estudos (e.g., Ferguson, 2007; Hynninen & Kuteeva, 2020), não foi um tópico relevante neste estudo. Como nosso estudo anterior (Monteiro & Hirano, 2020) apontou, nas humanas no Brasil o domínio do inglês ainda é pequeno e talvez por isso ainda não haja motivo para alarme.

Conclusão e Considerações Finais

Este estudo explorou os fatores extrínsecos e intrínsecos que motivam pesquisadores brasileiros experientes e plurilíngues a publicar em inglês ou em português. Desta forma, oferece uma contribuição importante para a área de pesquisa ERPP ao investigar de que maneira esses pesquisadores respondem à pressão internacional para publicar em inglês ao mesmo tempo que consideram a possibilidade de publicar em sua língua local. Uma particularidade deste grupo de pesquisadores é o seu forte domínio das duas línguas, anos de experiência profissional, assim como atuação numa área em que há revistas brasileiras e internacionais altamente ranqueadas, de forma que existe, de fato, uma possibilidade de escolha em relação à língua em que disseminam suas produções acadêmicas.

Dentre os fatores extrínsecos de destaque tanto para as publicações em inglês como em português figura a resposta a convites de revistas (internacionais ou brasileiras) e de outros membros da comunidade acadêmica (no exterior ou no Brasil). Sem dúvida, isso se deve ao fato de os participantes desta pesquisa já terem alcançado uma posição consolidada como participantes ativos das suas respectivas comunidades. Dentre os fatores extrínsecos que promovem a publicação em português, foi interessante observar que apesar da vasta experiência desses pesquisadores no cenário internacional, a escrita em português ainda parece fluir com maior facilidade. Além disso, os comentários e críticas ao sistema Qualis apresentam um contraponto importante em relação aos sistemas de ranqueamento usados em outros países.

Já entre os fatores intrínsecos para publicação em ambas as línguas, identificamos um senso de responsabilidade por parte desses pesquisadores. Ao escolherem publicar em inglês, percebemos um orgulho pela produção científica brasileira e um anseio para que a mesma seja melhor conhecida internacionalmente. Miriam resume bem este sentimento ao dizer que:

[precisamos publicar em inglês] para que eles vejam o que é que a gente está fazendo e tal. Então, assim, de certa forma, me ... dá tristeza de saber que a gente está trabalhando em uma frente

semelhante ... e a gente deixa de ter essa interlocução que podia ser maior por conta de uma barreira linguística. (Miriam)

Esse fator ressalta a realidade de que há uma ciência no Brasil que não está totalmente introduzida no cenário mundial, fazendo parte dessa suposta “ciência perdida” com pouco espaço nas revistas internacionais (Gibbs, 1995).

O fator intrínseco mais saliente para publicação em português deveu-se a um senso de responsabilidade dos participantes para contribuir na formação da comunidade brasileira de pesquisadores e praticantes em suas respectivas áreas de atuação. Embora alguns participantes partissem do pressuposto de que os pesquisadores novatos têm proficiência em inglês suficiente para a leitura, outros argumentaram que isso não se aplica às suas áreas, refletindo os baixos índices de proficiência no Brasil.

Ainda que este estudo tenha enfatizado os fatores que levam à publicação em português e em inglês, os participantes também mencionaram fatores que inibem maior publicação, especialmente em inglês. Quase todos os participantes mencionaram que levam mais tempo para escrever em inglês e também requerem maior assistência com revisões, o que pode resultar em custos altos. Sendo pesquisadores PQ, eles podem utilizar parte dessa bolsa para esse fim, embora todos utilizem fundos próprios também. Vários participantes mencionaram a falta de apoio financeiro institucional. Outros fatores que contaram contra a publicação em inglês incluem o processo de submissão, que costuma ser mais elaborado, assim como o rigor dos pareceres. Uma característica apresentada por vários dos participantes é a persistência frente a pareceres que requerem inúmeras revisões e um apreço pelos pareceres internacionais que propulsionam o aperfeiçoamento dos manuscritos.

Um dos resultados mais interessantes deste estudo reside na adoção, por parte dos pesquisadores entrevistados, de um bilinguismo de escolha, em contraste ao que se observa em diversos contextos acadêmicos marcados pela lógica do *publish or perish* em inglês (e.g., Lee & Lee, 2013), especialmente em revistas internacionais altamente ranqueadas. Muitos dos participantes relataram privilegiar deliberadamente a publicação em sua língua materna, não apenas como estratégia de comunicação científica, mas também como expressão de pertencimento e afirmação epistemológica. O uso do inglês, por sua vez, emergiu sobretudo em situações específicas como convites ou oportunidades voltadas à projeção internacional da produção local e não como resposta a uma imposição institucional. Esse bilinguismo de escolha parece ser viabilizado por um sistema de ranqueamento que, de certa forma, até o presente momento, privilegia as revistas acadêmicas locais, bem como por uma cultura acadêmica que favorece essa insularidade (Garcez, 2019). Essa

autonomia relativa da área de linguística aqui pesquisada, embora possa restringir a circulação internacional do conhecimento produzido no Brasil, também pode potencialmente proteger epistemologias e práticas semiperiféricas que são cruciais para contrapor os crescentes discursos dominantes e alegadamente simplistas do centro global (de Sousa Santos, 2006). Esse talvez seja o cenário ideal para publicações internacionais em inglês, pois desobrigados da pressão por visibilidade internacional a qualquer custo, o que pode levar ao conformismo e adequação a retóricas e epistemologias de centro, esses pesquisadores encontram maior margem para negociar criticamente seus posicionamentos teóricos e ideológicos, dimensão que, conforme destacou Fátima, é de extrema importância para pesquisadores brasileiros.

Referências

- Baumvol, L., Sarmiento, S., & Fontes, A. B. A. da L. (2021). Scholarly publication of Brazilian researchers across disciplinary communities. *Journal of English for Research Publication Purposes*, 2(1), 5-29. <https://doi.org/10.1075/jerpp.20012.bau>
- Becher, T. (1994). The significance of disciplinary differences. *Studies in Higher Education*, 19(2), 151-161. <https://doi.org/10.1080/03075079412331382007>
- Bennett, K. (2014). Introduction: The political and economic infrastructure of academic practice: The “semiperiphery” as a category for social and linguistic analysis. In K. Bennett (Ed.), *The semiperiphery of academic writing: Discourses, communities and practices* (pp. 1-9). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1057/9781137351197_1
- Bernard, H. R., & Ryan, G. W. (2010). *Analyzing qualitative data: Systematic approaches*. SAGE Publications.
- Canagarajah, A. S. (1996). “Nondiscursive” requirements in academic publishing, material resources of periphery scholars, and the politics of knowledge production. *Written Communication*, 13(4), 435-472. <https://doi.org/10.1177/0741088396013004001>
- Cardoso, N. N. F. L. (2020). “Você (não) precisa aprender inglês se quer ser pesquisador(a)!”: O inglês como língua da comunicação científica na visão de estudantes pesquisadores(as) em ensino de ciências [Universidade Federal da Bahia]. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31964>
- Cargill, M., & Burgess, S. (2008). Introduction to the special issue: English for research publication purposes. *Journal of English for Academic Purposes*, 2(7), 75-76. <https://doi.org/10.1016/j.jeap.2008.02.006>
- Cho, D. W. (2009). Science journal paper writing in an EFL context: The case of Korea. *English for Specific Purposes*, 28(4), 230-239. <https://doi.org/10.1016/j.esp.2009.06.002>
- Corcoran, J. N., Englander, K., & Muresan, L.-M. (Eds.). (2019). *Pedagogies and policies for publishing research in English*. Routledge. <https://www.routledge.com/>

- Pedagogies-and-Policies-for-Publishing-Research-in-English-Local-Initiatives/Corcoran-Englander-Muresan/p/book/9781138558090
- Cunha, A., dos Santos, B., Dias, Á. M., Carmagnani, A. M., Lafer, B., & Busatto, G. F. (2014). Success in publication by graduate students in psychiatry in Brazil: An empirical evaluation of the relative influence of English proficiency and advisor expertise. *BMC Medical Education*, 14(1), 238. <https://doi.org/10.1186/1472-6920-14-238>
- Curry, M. J., & Lillis, T. (2004). Multilingual scholars and the imperative to publish in English: Negotiating interests, demands, and rewards. *TESOL Quarterly*, 38(4), 663-688. <https://doi.org/10.2307/3588284>
- de Sousa Santos, B. (2006). Globalizations. *Theory, culture & society*, 23(2-3), 393-399. <https://doi.org/10.1177/026327640602300268>
- Duszak, A., & Lewkowicz, J. (2008). Publishing academic texts in English: A Polish perspective. *Journal of English for Academic Purposes*, 7(2), 108-120. <https://doi.org/10.1016/j.jeap.2008.03.001>
- Ferguson, G. (2007). The global spread of English, scientific communication and ESP: Questions of equity, access and domain loss. *Ibérica: Revista de La Asociación Europea de Lenguas Para Fines Específicos (AELFE)*, 13, 7-38.
- Finardi, K. R. (2016). *English in Brazil: Views, policies and programs*. SciELO – EDUEL.
- Flowerdew, J. (1999). Problems in writing for scholarly publication in English: The case of Hong Kong. *Journal of Second Language Writing*, 8(3), 243-264. [https://doi.org/10.1016/S1060-3743\(99\)80116-7](https://doi.org/10.1016/S1060-3743(99)80116-7)
- Garcez, P. M. (2019). A (in)visibilidade da pesquisa em linguística aplicada brasileira: O que é “publish or perish” para os linguistas aplicados no Brasil? In P. T. C. Szundy, R. Tílio, & G. C. V. Melo (Eds.), *Inovações e desafios epistemológicos em linguística aplicada: Perspectivas sul-americanas*. Pontes Editores.
- Gibbs, W. (1995). Lost science in the third world. *Scientific American*, 273(2), 92-99. <https://www.jstor.org/stable/24981594>
- Hynninen, N., & Kuteeva, M. (2020). Researchers’ language practices concerning knowledge production and dissemination: Discourses of mono- and multilingualism. In M. Kuteeva, K. Kaufhold & N. Hynninen (Eds.), *Language perceptions and practices in multilingual universities* (pp. 323-350). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-3-030-38755-6_13
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (n.d.). *Inventário nacional da diversidade linguística*. <http://portal.iphan.gov.br/indl>
- Jenkins, J. (2014). *English as a lingua franca in the international university: The politics of academic English language policy*. Routledge.
- Kuteeva, M., & Mauranen, A. (2014). Writing for publication in multilingual contexts: An introduction to the special issue. *Journal of English for Academic Purposes*, 13, 1-4. <https://doi.org/10.1016/j.jeap.2013.11.002>
- Lee, H., & Lee, K. (2013). Publish (in international indexed journals) or perish: Neoliberal ideology in a Korean university. *Language Policy*, 12(3), 215-230. <https://doi.org/10.1007/s10993-012-9267-2>

- Li, Y., & Flowerdew, J. (2009). International engagement versus local commitment: Hong Kong academics in the humanities and social sciences writing for publication. *Journal of English for Academic Purposes*, 8(4), 279-293. <https://doi.org/10.1016/j.jeap.2009.05.002>
- López-Navarro, I., Moreno, A. I., Quintanilla, M. Á., & Rey-Rocha, J. (2015). Why do I publish research articles in English instead of my own language? Differences in Spanish researchers' motivations across scientific domains. *Scientometrics*, 103(3), 939-976. <https://doi.org/10.1007/s11192-015-1570-1>
- Lorés-Sanz, R., Mur-Dueñas, P., Rey-Rocha, J., & Moreno, A. I. (2014). Motivations and attitudes of Spanish chemistry and economic researchers towards publication in English-medium scientific journals. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, 69, 83-100. <https://www.ull.es/revistas/index.php/estudios-ingleses/article/download/3505/2397>
- Macedo, M. do S. A. N., Venancio, B., & Santos, P. A. D. G. C. (2020). Letramentos acadêmicos na internacionalização da pós-graduação: O caso de um pesquisador da área de química. *Letras*, 023-048. <https://doi.org/10.5902/2176148547909>
- Martín, P., Rey-Rocha, J., Burgess, S., & Moreno, A. I. (2014). Publishing research in English-language journals: Attitudes, strategies and difficulties of multilingual scholars of medicine. *Journal of English for Academic Purposes*, 16, 57-67. <https://doi.org/10.1016/j.jeap.2014.08.001>
- Martinez, R., & Graf, K. (2016). Thesis supervisors as literacy brokers in Brazil. *Publications*, 4(3), 1-10. <https://doi.org/10.3390/publications4030026>
- McDowell, L., & Liardet, C. L. (2019). Japanese materials scientists' experiences with English for research publication purposes. *Journal of English for Academic Purposes*, 37, 141-153. <https://doi.org/10.1016/j.jeap.2018.11.011>
- Monteiro, K., & Hirano, E. (2020). A periphery inside a semi-periphery: The uneven participation of Brazilian scholars in the international community. *English for Specific Purposes*, 58, 15-29
- Motta-Roth, D., Scherer, A. S., Schmidt, A. P. C., Selbach, H. V., & Pretto, A. M. (2016). Letramentos acadêmicos em comunidades de prática: Culturas disciplinares. *Letras*, 52. <https://doi.org/10.5902/2176148525326>
- Olmos-Lopez, P., Prudencio, F. E., & Novelo, A. (2022). Mexican economics professors' publication: Three case studies. *English for Specific Purposes*, 66, 131-143. <https://doi.org/10.1016/j.esp.2022.01.002>
- Plataforma lattes. (n.d.). <https://lattes.cnpq.br/>
- Serra, F. A. R., Fiates, G. G., & Ferreira, M. P. (2008). Publicar é difícil ou faltam competências? O desafio de pesquisar e publicar em revistas científicas na visão de editores e revisores internacionais. *Revista de Administração Mackenzie*, 9(4), 32-55. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712008000400004>
- Shchemeleva, I. (2021). "There's no discrimination, these are just the rules of the game": Russian scholars' perception of the research writing and publication process in English. *Publications*, 9(1), 8. <https://doi.org/10.3390/publications9010008>
- SCImago. (n.d.). Rankings. *Journal and country rank*. <https://www.scimagojr.com/countryrank.php>

- Warchał, K., & Zakrajewski, P. (2021). Multilingual publication practices in the social sciences and humanities at a Polish university: Choices and pressures. *International Journal of Multilingualism*, 20(3), 801-824. <https://doi.org/10.1080/14790718.2021.1966432>
- Windle, J., & Nogueira, M. A. (2015). The role of internationalisation in the schooling of Brazilian elites: Distinctions between two class fractions. *British Journal of Sociology of Education*, 36(1), 174-192. <https://doi.org/10.1080/01425692.2014.967841>